

MUSEUS EM TRANSFORM(AÇÃO): O MUSEU VIRTUAL AFRO-BRASIL-SUL

LUCAS MOURA BARBOZA¹; FELIPE MERKER CASTELLANI³

Universidade Federal de Pelotas – Lucas02moura@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de apagamento das memórias, dos corpos e das representações da cultura negra não é algo específico da contemporaneidade. Embora a legislação e as normas de proteção patrimonial venham se adequando as lutas contra essa invisibilidade, verifica-se que muitas vezes estas não são implementadas e efetivadas. O que deixa margem para o questionamento: em quais medidas essas legislações se fazem efetivas e servem enquanto aporte para a manutenção e preservação dos saberes e dos bens culturais negros brasileiros e seus significados?

O presente estudo tem por objetivo analisar a iniciativa de criação do Museu Afro-Brasil-Sul, compreendendo-o enquanto uma importante iniciativa alinhada a uma contranarrativa à perspectiva colonial museológica.

2. METODOLOGIA

O método utilizado no presente estudo foi a partir de revisão bibliográfica acerca do assunto abordado, elencando: artigos científicos, vídeos e Webinários relacionados. Dentre os materiais reunidos, destacamos os seguintes: (como) A publicações do IBRAM, *Museus em Números* (2012), que traça um panorama referente às unidades museológicas de todo o território nacional; *Museus, Memória e Cultura Afro-brasileira* (2018), que traz sob uma perspectiva de inclusão teórica e metodológica, às culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas; *O relatório de gestão* (2018) também publicado pelo Instituto Brasileiro de Museus; *O ensino de filosofia e a Lei 10,639*, estudo realizado pelo Filósofo e professor Renato Nogueira em que reflete a respeito do ensino de filosofia africana e afro-brasileira para o ensino médio; O artigo do professor Mário Chagas *Museus e patrimônios: por uma poética e uma política decolonial* (2017) publicado em comemoração aos 80 anos do IPHAN; A publicação lançada pelo Museu Histórico Nacional; *Educação museal: conceitos, história e políticas* (2020), organizada por Fernanda Castro, Ozias Soares e Andréa Costa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mesmo em constante estado de metamorfose, os museus continuam sendo instituições legitimadoras de discursos e narrativas ocidentais hegemônicas (brancas, masculinas e heteronormativas) e que seguem distante da imparcialidade.

Adotamos no presente estudo a perspectiva do pesquisador e professor Mário Chagas (2017) que define os museus tradicionais da seguinte maneira:

Enquanto modelos colonialistas, pautados pela excessiva valorização da materialidade dos objetos, seus processos administrativos hierarquizados, pelo baixo nível de participação popular, pelo preconceito e discriminação em relação aos negros, aos indígenas, ao feminismo e ao movimento LGBTQIA+ e pela hipervalorização do “saber” do Icom, bem como do saber “acadêmico”, “teórico”, “técnico” e “científico”, em detrimento de outros saberes. (CHAGAS, 2017, p. 131?)

Pensar os museus e a museologia para além de suas funções de preservar e comunicar requer um contundente exercício de reflexão, lançando um olhar crítico sobre modelo metodológico e epistêmico universalista ocidental. Levando em conta sua relação com os processos de colonização das populações não europeias e sua ineficácia em abarcar toda a pluridiversidade existente.

Dada a necessidade de fomentar e relacionar novos processos de produção e institucionalização de memórias referentes à diversidade social, étnica e cultural do país enquanto um exercício democrático,

A garantia do direito à memória do cidadão passa também pelo estímulo e fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias referentes à diversidade social, étnica e cultural do País¹ (IBRAM, 2018, p. 46).

A possibilidade de dialogar através destes outros espaços faz com que haja uma pluralidade nas formas de construir e multiplicar discursos e narrativas. Tendo em vista que os museus, a museologia e as ações museais podem ir de encontro com as reivindicações étnico-raciais tendo como base o artigo 26-A conforme a lei 9.394/96. Lei essa, em que há o desdobramento das leis 10.639/03 e 11.645/08, a partir das quais é estabelecida a obrigatoriedade dos ensinos de história e cultura, Afro-Brasileira, Africana e Indígena em todas as modalidades de ensino e níveis de educação. Pode-se compreender as ações museais e seus processos tão relevantes quanto às próprias instituições, enquanto ações afirmativas e que estão em consonância com a referidas leis.

Em outro importante levantamento, realizado pelo professor e filósofo Renato Nogueira (2019), aponta que 84% das pessoas têm ciência de que a Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDB) havia sido modificada e que os conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena se tornaram obrigatórios, porém 76,9% das professoras e professores de filosofia

¹ Trecho retirado do relatório de gestão de 2018 do IBRAM. Para saber mais acesse: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/04/Relatorio-de-Gestao-Ibram-2018-versao-final.docx.pdf>

não cumprem essa obrigação legal e 100% não tiveram esses conteúdos durante sua formação docente. Além disso 76,9% sente a necessidade de formação complementar para abordar este campo do conhecimento .

Neste viés, apontamos para a iniciativa de criação de um ambiente virtual determinado a perservação e comunicação do patrimônio negro da região sul do Brasil, o Museu Afro-Brasil-Sul (MABSul)². O MAB sul é um projeto coordenado pela Prof. Dra. Rosemar Gomes Lemos, docente do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, e é tido enquanto uma Ação Afirmativa pertencente à Divisão de Pesquisa e Extensão em consonância com a Lei.11.645/08³ no reconhecimento da história e da contribuição da população negra à sociedade brasileira. Até o presente momento, este projeto que está em construção, pode ser visitado através das redes sociais além dos conteúdos já produzidos para as plataformas audiovisuais e streaming , como o WEBINAR abordando temáticas como: restgatando e registrando memórias e patrimônio negros no sul do Brasil; A história negra sul-brasileira; Outras formas de explorar conversas nas mídias sociais; o desafio do uso de novas tecnologias na promoção e construção de novos saberes; e uma abordagem virtual ao dia dopatrimônio⁴. Além de conteúdos nas plataformas de streaming Spotify⁵ e SoundCloud⁶ por onde apresenta o projeto através do recurso de áudio apenas.

Sendo o Museu Afro Brasil Sul em sua atuação virtual, uma iniciativa não apenas institucional mas também educacional e política para garantir um amplo acesso.

A importância da existência de um museu focado na cultura negra está preservar algo que não está escrito, seja pelas limitações legais de estudo, seja por uma tradição que se perpetua na oralidade” (Lemos, 2020).

Enquanto um museu virtual, o MAB sul, por meio do ambiente informacional das redes, traça um discurso e uma narrativa capaz de alcançar parcelas da população que não seriam possíveis em sua materialidade convencional.

A ideia de uma “cibercultura museal” atuante na construção de um mundo permeado por novas linguagens tecnológicas aplicadas à tridimensionalidade e à digitalização dos acervos na promoção de novas dinâmicas de acesso e comunicação de heranças culturais materiais e imateriais. (MELLO, 2013, p.6.)

² Nas palavras da profa. Rosemar Lemos o MABSul tem “por missão identificar, preservar, divulgar amplamente e tornar acessível em meio digital: o patrimônio cultural material e imaterial pertencentes à região sul do Brasil, bem como de caráter imaterial presentes nas expressões e manifestações culturais afro-brasileiras especificamente, dos estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.”

³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm

⁴ Para saber mais acesse:

<https://www.youtube.com/channel/UCnDIX9t-DCtuiUWVL2MR3rw/featured>

⁵ Para saber mais acesse:

<https://open.spotify.com/show/5mNTZbIUNG6e79lYtZpWkv?si=EFAXuxIKSee8e1zMYSPwvQ>

⁶Para saber mais acesse: <https://soundcloud.com/museu-afro-brasil-sul>

4. CONCLUSÕES

Mesmo que as mudanças ocorram por passos lentos, é preciso que hajam reivindicações por mudanças estruturais e epistêmicas, rompendo com a hegemonia lógica universalista ocidental, branca e heteronormativa. Para isto, articular a transversalidade e interseccionalidade entre as áreas práticas e teóricas dos saberes tornam-se o exercício e a ferramenta para renovar as formas de resistência localizando assim os museus e suas práticas situados e em diálogo com a contemporaneidade.

Percebe-se como os museus ainda precisam investir e dar atenção à comunicação por meio virtual, potencializando ações e formando públicos, ao mesmo tempo que demonstra a necessidade de capacitar os profissionais da área para atuarem com as novas tecnologias. [...] o processo educativo seja efetivamente emancipatório, dialógico e voltado para o desenvolvimento integral dos grupos e comunidades com quem o museu atua intra e extramuros (TOLENTINO, 2020, p.14).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

NOGUEIRA, Renato, **O ensino de filosofia e a lei 10.639 / Renato Nogueira**. - 1.ed. - Rio de Janeiro : Pallas : Biblioteca Nacional, 2014. 136 p. : 21 cm. da publicação.

Artigo

CHAGAS, Mário, S. Museus e patrimônios por uma poética e uma política decolonial. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v., n.35, p. 121 - 137, 2017.

MELLO, Janaina. C, Museus e ciberespaço: novas linguagens da comunicação na era digital. **Cultura Histórica & Patrimônio**, v.1, n.2, p.6 - 29, 2013.

Documentos eletrônicos

LEMOS, R. G. "Patrimônio imaterial em meio digital: a criação do Museu Afro-Brasil-Sul". UFPel: Pelotas, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TiXO_9jPu9E&t=3114s

Museu Histórico Nacional (Brasil). Educação museal : conceitos, história e políticas / organizadores: Fernanda Castro, Ozias Soares, Andréa Costa. Rio de Janeiro : Museu Histórico Nacional, 2020. Acessado em 02 set. 2020. Online. Disponível em:<https://mhn.museus.gov.br/index.php/educacao-museal-mhn-lanca-primeiro-vo-lume-de-livros-digitais-acessiveis/>

Instituto Brasileiro de Museus. Relatório de gestão - Brasília, DF: IBRAM, 2018. Acessado em 02 set. 2020. Online. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/04/Relatorio-de-Gestao-Ibram-2018-versao-final.docx.pdf>

Instituto Brasileiro de Museus. Museu, memória e cultura afro-brasileira. / pesquisa e elaboração do texto Maristela dos Santos Simão – Brasília, DF: IBRAM, 2018.

88p. : il. ; 20,5 cm. – (Caminhos da Memória). Online. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/ibram-lanca-publicacao-gratuita-sobre-memoria-e-cultura-afro-brasileira/>